

PERSPECTIVAS DA AGRICULTURA BRASILEIRA DIANTE DOS DESAFIOS EXTERNOS

Francisco José Gouveia de Castro*

É de conhecimento geral que os aspectos mais importantes da estrutura agropecuária representam o mercado, que se traduz na formação de preço, a qual, por sua vez, é definida a partir do equilíbrio entre oferta e demanda, das condições macroeconômicas e da segurança institucional que garante ambiente de negócios favorável aos investimentos privados.

Atualmente, a agricultura brasileira se depara exatamente com a conjunção da ineficaz política econômica adotada no País e a insegurança institucional, que estão soçobrando os ganhos alcançados a partir dos esforços da estabilização macroeconômica iniciada há 20 anos. Na verdade, a breve trajetória de bonança da economia brasileira que se iniciou em 2006, resultado da conjuntura internacional propícia devido ao expressivo crescimento dos preços das *commodities* e ao influxo de capital externo, ficou gravemente comprometida pela incapacidade de reação da atual gestão federal diante do pronunciado cenário restritivo externo.

No recente relatório divulgado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), alertou-se que a economia global está em lenta recuperação, com risco de o mundo cair numa armadilha de baixo crescimento, uma vez que as expectativas quanto ao retorno da expansão americana foram adiadas após a confirmação da variação de apenas 0,1% no primeiro trimestre de 2014, em relação ao trimestre imediatamente anterior, ante projeções de mercado de 1,2%.

Concomitante a isso, a economia chinesa, principal comprador dos produtos agrícolas brasileiros, segundo informações da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), está dando sinais de perda de força, traduzida no declínio da sua produção doméstica (tabela 1), com estimativa de crescimento de 7,5% para 2014.

TABELA 1 - CRESCIMENTO DO PRODUTO DOMÉSTICO - PAÍSES SELECIONADOS - 2009-2013

PAÍSES	2009	2010	2011	2012	2013
G20	-1,27	4,93	3,81	2,89	2,80
China	9,21	10,43	9,45	7,80	7,70
Alemanha	-5,15	4,01	3,34	0,69	0,43
Estados Unidos	-2,80	2,51	1,85	2,78	1,88
União Europeia	-4,51	2,01	1,65	-0,39	0,09

FONTE: OCDE

Além disso, os importadores chineses vêm passando por problemas logísticos, dificuldades na obtenção de crédito e margens desfavoráveis às indústrias esmagadoras de soja. Segundo informações da agência Reuters, as indústrias da China estão perdendo entre 500 e 600 yuans (US\$ 81 a US\$ 97) para processar uma tonelada de soja, ante o lucro de 600 yuans no último trimestre de 2013.

Segundo estimativas do United States Department of Agriculture (USDA), o mundo deverá registrar, neste ano, uma safra recorde de grãos, com expressivo aumento, também, nas importações e exportações, no consumo total e nos estoques finais. A produção e o estoque mundial de grãos devem crescer em 8,30% e 8,54%, respectivamente, em relação à safra de 2012/2013. A produção global de soja é estimada em 284,05 milhões de toneladas, volume 5,95% superior ao de 2012/2013, e estoques mundiais finais em 69,42 milhões, quase 20% maiores na mesma comparação.

No tabuleiro de milho, conforme o órgão americano, a produção mundial deverá chegar a 967,52 milhões de toneladas no ciclo atual, volume 11,6% superior ao da temporada anterior. Com a recomposição da oferta americana depois da seca que derrubou a colheita em 2012/2013, os estoques finais globais tendem a atingir 158,47 milhões de toneladas em 2013/2014, volume 17,9% maior que o período antecedente (tabela 2).

* Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Conjuntura do IPARDES.

TABELA 2 - ESTIMATIVAS DE ESTOQUE E PRODUÇÃO MUNDIAL DAS PRINCIPAIS *COMMODITIES* AGRÍCOLAS - 2012/2013-2013/2014

PRODUTO	ESTOQUE (Em milhões de toneladas)			PRODUÇÃO (Em milhões de toneladas)		
	Safra 2012/2013	Safra 2013/2014	Variação (%)	Safra 2012/2013	Safra 2013/2014	Variação (%)
Soja	57,87	69,42	19,96	268,10	284,05	5,95
Milho	134,40	158,47	17,91	866,94	967,52	11,60
Trigo	176,60	186,68	5,71	656,50	712,52	8,53
Grãos	451,51	490,06	8,54	2.264,00	2.452,01	8,30

FONTE: USDA - WASDE

NOTA: Elaboração do IPARDES.

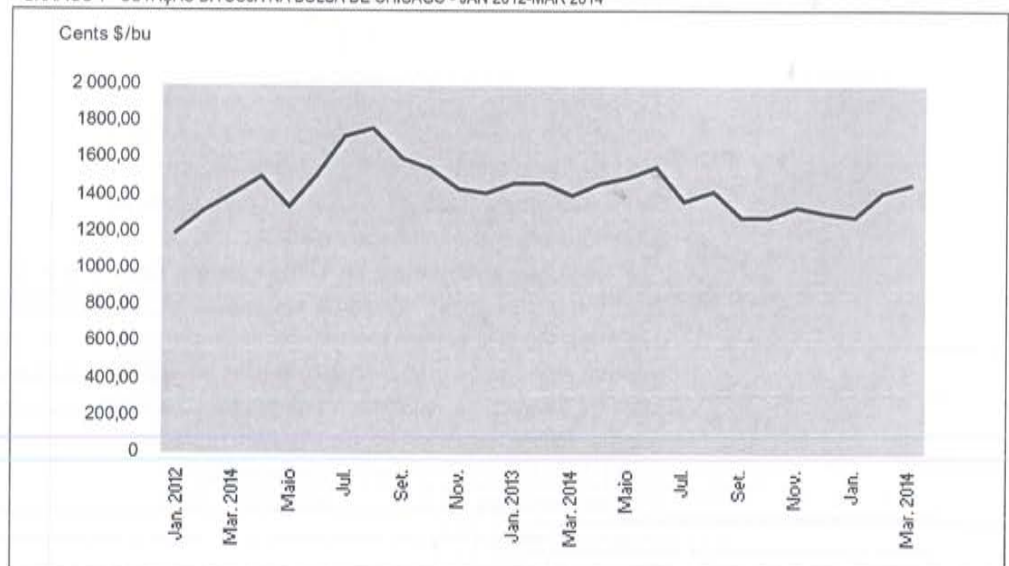
Entre soja e milho, os Estados Unidos esperam produzir 451,8 milhões de toneladas, 8,6 milhões acima da colheita anterior. Com média de 3,04 mil quilos de soja e 10,39 mil quilos de milho por hectare, o fechamento da safra prevista para as duas culturas, respectivamente, é de 96,6 milhões e 355,2 milhões de toneladas na temporada 2014/2015, produção suficiente para se chegar ao maior nível dos estoques mundiais de oleaginosas em oito anos.

Diante das boas condições da safra mundial, o levantamento do USDA indica o declínio das cotações internacionais dos grãos para o próximo ciclo, uma vez que o preço médio da soja deverá cair 24%, de US\$ 12,70 por *bushel* na temporada anterior para US\$ 9,65, e o milho tende a registrar queda de 13%, com o preço médio de US\$ 3,90 por *bushel*, ficando abaixo dos custos de produção, estimados em US\$ 4,50 por *bushel*, na próxima safra.

Em Chicago, a cotação média mensal da soja vem registrando queda desde agosto de 2012, com pequena recuperação em fevereiro de 2014, diante das previsões de perdas provocadas pela seca no sul do Brasil (gráfico 1). As projeções indicam que a China, maior importador de soja do mundo, deverá produzir 12,2 milhões de toneladas em 2013/2014, ante 13,05 milhões em 2012/2013, e importará 69 milhões de toneladas. Por outro lado, o Brasil deverá permanecer como o maior exportador mundial, com volume de 45 milhões de toneladas em 2013/2014, 7,4% a mais que em 2012/2013, contra 43 milhões dos EUA, 19,7% maior em igual comparação.

Segundo as estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), a produção brasileira de soja deverá chegar ao volume de 86 milhões de toneladas na safra 2013/2014, crescendo 5,6% em relação à safra anterior, representando novo recorde, mesmo com o déficit hídrico na Região Sul, principalmente no Estado do Paraná, o segundo produtor nacional, com estimativa de colheita em 14,708 milhões de toneladas, e Rio Grande do Sul, com 12,421 milhões. Por outro lado, o Mato Grosso deve permanecer como o maior produtor nacional da oleaginosa, com 26,637 milhões de toneladas na safra 2013/2014, quantidade 13,2% maior que a do ano agrícola anterior.

GRÁFICO 1 - COTAÇÃO DA SOJA NA BOLSA DE CHICAGO - JAN 2012-MAR 2014



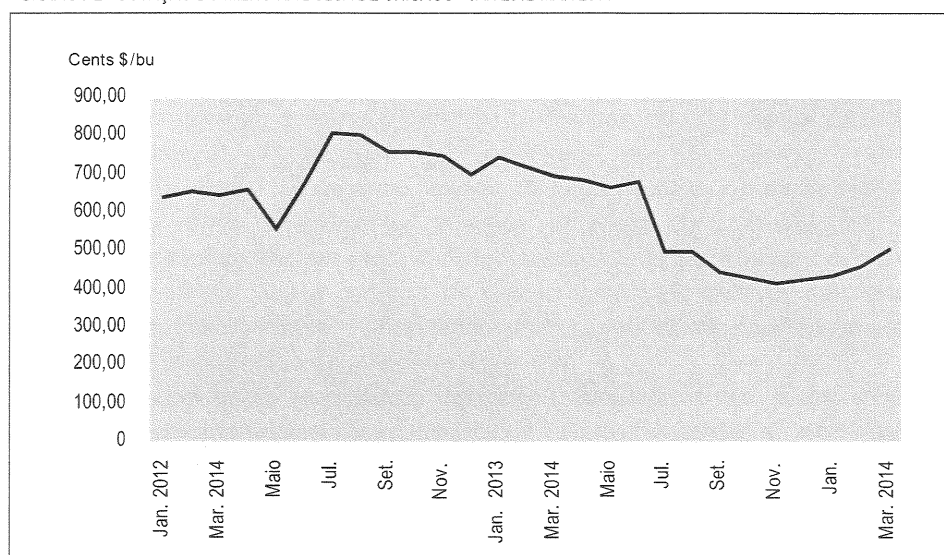
FONTE: BACEN/Bloomberg

NOTA: Cotação de contrato futuro de primeira posição de entrega negociado na Chicago Board of Trade (CBOT).

Já em relação ao milho, o Brasil deverá perder espaço nesta temporada, com estimativa de colheita de 70 milhões de toneladas, ante 81,5 milhões no ciclo de 2012/2013. As exportações brasileiras na safra 2013/2014 deverão ficar em 20 milhões de toneladas, o que representa redução de 19,8% em relação à safra anterior. Esta queda do milho reflete a opção dos produtores pelo plantio do algodão na segunda safra do Mato Grosso, onde, segundo a CONAB, a safrinha do cereal deverá ocupar 3,2 milhões de hectares, 5,8% a menos que em 2012/2013, e a colheita deverá cair 14,4%, para 16,6 milhões de toneladas. Outro fator associado à redução da produção safrinha está relacionado ao custo na produção do milho no estado. Segundo o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (IMEA), foram gastos R\$ 1,03 mil, em média, para cada hectare, 14% acima de 2013.

Além disso, cabe destacar que há expectativa de redução de área plantada da *commodity* na próxima safra americana em 4%, alcançando o menor patamar desde 2010/2011, o que levou os fundos a acreditar na elevação do preço do milho em Chicago (gráfico 2). Porém, segundo informações do Departamento Agrícola dos EUA, os estoques do produto americano superaram a marca de 30% do nível registrado na mesma época de 2013, exercendo pressão de baixa na cotação do grão na Bolsa de Chicago.

GRÁFICO 2 - COTAÇÃO DO MILHO NA BOLSA DE CHICAGO - JAN 2012-MAR 2014



FONTE: BACEN/Bloomberg

NOTA: Cotação de contrato futuro de primeira posição de entrega negociado na Chicago Board of Trade (CBOT).

Mesmo com a desvalorização do real em 10,4% no ano passado, as exportações brasileiras não apresentaram reação diante da trajetória descendente das exportações e do aumento do déficit na balança comercial. A Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (Abiove) reduziu, em abril, sua estimativa de exportação de soja em grão entre janeiro e dezembro de 2014 para 43 milhões de toneladas. O volume é 2,27% menor que o esperado em março.

Cabe acrescentar que a corrente comercial do Brasil ficou estagnada entre 2011 e 2013, indicando que o País está perdendo espaço no comércio internacional, em razão dos custos e da estratégia equivocada do atual governo brasileiro em relação à sua política externa. A estratégia de negociações comerciais adotada pelo Brasil ao longo da última década tem se mostrado completamente ineficiente, não deslumbrando qualquer movimento promissor para uma maior inserção do País na economia mundial. Prova disso é a prioridade da diplomacia econômica ao aprofundamento das relações com os países vizinhos, de baixa produtividade, alto custo e riscos, em detrimento dos mercados tradicionais, como os EUA e a União Europeia.

Ademais, mesmo diante do cenário internacional pouco favorável, da inoperância da atual equipe econômica do governo federal, do custo Brasil (juros, inflação, deficiências de infraestrutura, elevação do custo do trabalho com perda de produtividade), o setor agrícola brasileiro demonstrou sua inegável capacidade de superação, crescendo 7% no acumulado do ano, ante 2% dos serviços e 1,3% da atividade industrial, segundo os cálculos das contas regionais divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Segundo projeções do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), o Valor Bruto da Produção da agropecuária deve crescer 2,1% em relação a 2013, alcançando R\$ 438,4 bilhões, sendo que o VBP agrícola deve ter aumento de 4,1%, enquanto a pecuária terá uma redução de 1,6%. Tais indicadores sinalizam novamente para o êxito do agronegócio nacional em 2014, o que se deve ao grande avanço da biotecnologia utilizada na agricultura, bem como à capacidade da atividade na geração de encadeamentos produtivos com outros setores e à diversificação da produção direcionada ao grande mercado global.